

UMA BOA DOSE DE HUMOR NEGRO



PHEBUS

Título Original: Uma Boa Dose de Humor Negro

Autor: Phebus

Copyright © Phebus

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Iara Andrade

Revisão: Vânia Leite

Pós-Paginação: Rosalina Marques

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Aléxia Oliveira

Ilustração de Capa: Aléxia Oliveira

Marketeer: Iara Andrade

1ª Edição: maio de 2025

Acabamento/Impressão: Tórculo

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 546091/25

ISBN: 978-989-3619-22-3



*A todas as almas em cativeiro, aqueles que vivem sem saber viver,
que tanto me inspiraram a escrever esta obra...*

*Be careful of words,
even the miraculous ones.
For the miraculous we do our best,
sometimes they swarm like insects
and leave not a sting but a kiss.
[...]
But they can be both daisies and bruises.
Yet I am in love with words.
[...]
Yet often they fail me.
I have so much I want to say,
so many stories, images, proverbs, etc.
But the words aren't good enough,
the wrong ones kiss me.
[...]
Words and eggs must be handled with care.
Once broken they are impossible
things to repair.*

*Words
Anne Sexton*

UM CONSELHO PARA O LEITOR

Escolhe a vida. Escolhe estar grato por essa vida e sentir o preenchimento de tudo o que a ela te traz. Escolhe a paz e o equilíbrio, longe do apanágio que circula pelas características da modernidade: a fama e a mesquinhice. Não te importes com o novo *iPhone* ou o com novo descapotável, nem com os últimos gritos da moda que estão no mercado. Se escolheres a vida, já tens o essencial, o básico para uma existência mundana, trivial, mas enriquecedora na sua simplicidade.

Não sejas um vagabundo mental que deambula por aí, querendo mais e mais, sem primeiro estar satisfeito com o que tem. Os pilares da felicidade assentam-se na modéstia. Escolhe estar bem com o processo natural da vida: sorri, mas não em excesso; chora, mas não em excesso.

Cai na armadilha dos tempos modernos, qual criatura estúpida e normal, felizarda com a falta de consciência. Fica grato pela tua insipidez, vencido pelo sistema. Não me refiro ao sentido da derrota, mas antes à capacidade de poder viver do mais banal, rindo mil maravilhas e chorando mil males. O melhor remédio para o quotidiano é ser incrivelmente normal.

Por isso, publica fotografias das tuas refeições no *Instagram*, goza e revolta-te contra os candidatos às presidenciais, não vivas o momento até estares com saudades dele... Não tentes despertar inveja nos outros, pois isso não te proporcionará nenhum sentimento de gratificação.

Não escolhas ser mesquinho, comentando sobre os outros, as roupas que envergam, as suas redes sociais, os seus trabalhos e ofícios, nomes, apelidos e títulos. Escolhe ainda sentir-te grato por ter amigos, por estares rodeado de pessoas que quanto menos QI tiverem, melhor. Escolhe ficar feliz quando a tua equipa de futebol ganha e irritado quando perde. Mas não comentes o jogo no *Facebook* a cada cinco minutos.

Escolhe ter uma vida vulgar, mesmo com as segundas-feiras e a irritação que elas trazem; ter de acordar cedo e ter um rumo, um trabalho que

odeias, sabendo que, no final da semana, apanharás uma boa bebedeira para compensar. As imperiais vão chover do teto do bar.

Mas, acima de tudo, escolhe ser uma pessoa que valoriza os que ama, não se importando com os seus defeitos ou falhas. Eles estarão lá para ti e sempre te apoiarão... por isso, espero que estejas lá para eles também.

Escolhe a vida.

AVISO DE GATILHO

Esta obra contém linguagem explícita e aborda temas potencialmente sensíveis, como discriminação, minorias, morte, alcoolismo e consumo de drogas, os quais poderão ferir susceptibilidades.



Prólogo

*P*or detrás dos verdes campos, que emitiam à luz do dia uma tonalidade quase que fluorescente, cheguei à conclusão de que não gostava de estar em sítio nenhum. O ambiente demasiado calmo aborrecia-me; a falta de excitação e os ambientes ruidosos irritavam-me: a neurastenia ¹da vida moderna. Fazia parte da natureza do homem nunca estar feliz com o sítio onde se encontrava — a insatisfação era o que mais o caracterizava enquanto animal pensante.

Os prados verdes do Alentejo, onde pastavam algumas éguas, relinchando, comendo, defecando e acasalando, faziam-me questionar se não seria melhor que o homem fosse um mero animal... Assim, não pensaria e não estaria sujeito à sua própria tortura... Dar-se-ia por satisfeito com qualquer coisa e com toda a situação que o rodeasse. Mas coisa alguma me satisfazia, e aprendi isso da pior maneira.

Onde encontraria a felicidade num mundo tão artificial como a cidade ou num mundo tão primitivo como o campo?

Gostava de estimulação, mas, de momento, estava sozinho no mundo. Estava, pois, numa casa que pertencia à minha família, numa aldeia. Nada jamais me completaria por inteiro; se houvesse, teria de ser o universo na sua totalidade, com toda a sua expansão, com toda a sua glória e magnificência.

Mas agora que estava só no mundo, perdido num reino onde terminavam todos os sonhos de glória, onde terminava toda a excitação de uma nova aventura, onde estava condenado à pequenez da estúpida mentalidade portuguesa (que era ainda mais evidente na aldeia), pensei que uma coletânea das minhas memórias seria adequada.

Se havia algo que sabia, era que nada durava para sempre.

¹ Neurastenia — estado caracterizado pela debilidade física e psíquica, acompanhada de perturbações psíquicas (tristeza, insónia, angústia, indecisão) e funcionais (digestivas, cardiovasculares, sexuais), e dores em diversos locais do corpo.

Tudo estava em mudança, em constante evolução — sempre a mudar, o mundo e a vida. Mudança atrás de mudança, seguida de mudança. Mas, se o meu raciocínio estivesse correto, então também esta condição minha, onde me encontrava, preso no meio de uma aldeiazita ridícula, havia de mudar.

Foi a minha própria felicidade que me destruiu (ou, como lhe gostava de chamar: humor). Entrei pela minha cozinha, cheia de moscas, sob o calor intenso de verão, e notei que havia algo a faltar na minha vida. Havia qualquer coisa de vazio naquele ambiente, como em qualquer ambiente que o ser humano pudesse habitar. Pois quê? Era a insatisfação que falava, juntamente com todas as limitações económicas acumuladas. A vida era vazia.

Numa busca incessante pelo fenomenal, mas sem meios de o obter, apenas nos restava habituarmo-nos, como um rato, a qualquer ambiente a que estivéssemos submetidos. Aliás, éramos ratos, atraídos pelo cheiro do queijo para uma ratoeira. A «ratoeira» do trabalho que o mundo exigente pedia, as limitações que vinham acompanhadas pela família, pelos amigos, pelas relações amorosas, etc. Tudo era um dogma que nos tentava roubar a liberdade.

Eu queria mais e mais! Era como eu queria ser. Nada mais, nada menos; nem um minuto a perder!

E eis a minha história.

P.S.: Eu era um intelectual pesado.



Capítulo 1

Sem rumo

«Pagámos pelos erros dos nossos ancestrais, que se afastaram do Paleolítico e das suas maravilhas, em comunhão com o ambiente rupestre. Dava comigo a perguntar-me por que razão o homem temia a sua liberdade e, por conseguinte, o seu poder... Talvez não ter um rumo fosse aquilo que mais assustava essas criaturas sem espírito aventureiro — os seres banais da atualidade. Tudo isto enquanto era um evadido que deambulava, caminhando de casaco de cabedal por aí, algures pelo planeta...»

Notas de Filipe Santos, após a saída do hospital

Caminhava devagar, sem direção alguma — por que motivo haveria de me condicionar a uma única experiência quando o cosmos era ilimitado, e os únicos limites que existiam eram os que colocávamos nele?

Queria experimentar a essência da vida, o licor que ela trazia, e ver até onde os meus instintos me levariam. Considerei ir até ao cais e observar os barcos — azuis, amarelos, vermelhos, verdes, pequenos, grandes, com âncoras, motores e remos —, navios, embarcações denominadas como «Nossa Senhora dos Pescadores» ou «Prancha de Setúbal».

No cais, lugar onde fiquei ébrio inúmeras vezes ao ponto de me arrastarem até casa e de me atirarem para cima do sofá como um morto, podia simplesmente contemplar a planície onde o mar beijava o horizonte. Um novo mundo por descobrir. Era nesse meio desconhecido que focava a minha atenção. Queria desvendar o incógnito, a aventura que trazia de volta os tempos paleolíticos que ainda viviam entranhados algures na psique de certos homens. Os exploradores que acreditavam nas caçadas aos mamutes, na arte rupestre e nas lutas tribais.

Por outro lado, também pensei em ir até ao parque do Bonfim, onde tinham construído um pequeno lago onde estavam patos brancos e verdes, e até mesmo cisnes. Estes últimos eram encantadores, majestosos, com a sua felpa de uma brancura luminosa de quem um dia fora um «patinho feio».

No fundo, qualquer direção que tomasse parecia plausível e possivelmente satisfatória —, mas como encontrar satisfação num mundo que ansiava por mais e mais? *Por favor, deem-lhe mais!*

Sendo assim, repetia a questão: porque haveria de me limitar a um rumo e, portanto, apenas a um único destino?

Às tantas, estava tão atrapado na minha indecisão que pensava não ir a lado algum. Talvez a multiplicidade que desejava não estivesse presente neste universo, dado que era livre de tudo! Muitos chamavam-me de criatura que não assumia quaisquer responsabilidades, um vagabundo que não conhecia a solidão!

«Devias arranjar um emprego e organizar a tua vida, jovem!», diziam eles, piscando os olhos. Não estava interessado nos olhares de soslaio de que era alvo, nem das bocas foleiras que me mandavam...

Um facto que o leitor devia ter em conta: tinha uma aparência pouco usual. Geralmente, era visto com um casaco de cabedal de tonalidade preta-escarlate. Por baixo, envergava uma camisa branca ou uma qualquer coisa simplória. Não era um jovem atento à moda. As minhas calças estavam amarrotadas e, por vezes, rotas devido a um borrão do cigarro. O meu cabelo espetado apontava em todas as direções, e utilizava como único acessório uns óculos de sol com lentes amarelas, grandes e com armação escanhada. Numa palavra, um excêntrico. E gostava disso com todo o prazer. Agora, só me faltava decidir o rumo a tomar.

Como dar início a esta história? O começo seria sempre o mais complicado, pelo que tinha de começar pelo básico. Pernoitava pelas vielas de Setúbal, sujas e degradantes, caracterizadas por uma cultura que se baseava na pesca, nos mercados, nos assuntos que aquela gentinha pequena apreciava. Certo homem disse que os habitantes da cidade eram um bando de «bêbados, chulos e vigaristas», o que, a bem dizer, era aplicável a toda a gente.

Sendo sincero, Setúbal não passava de uma cidade aborrecida, sem grandes atrações, sem grande movimento, isenta da explosão da vida multifacetada que uma cultura deveria apresentar. Qualquer cultura era um *culto*, e já tinha deixado de fazer parte dele desde há muito. Quase sem património cultural, a não ser o baixo QI da maioria das pessoas

que nela habitavam, a cidade oferecia uma boa visita para os turistas, curiosos e ávidos, com gula de explorar o que o outro lado do horizonte não lhes mostrava. *Mas não era assim com qualquer outra cidade ou com qualquer pessoa que se dedicasse à aventura?*

Também servia para turistas desesperados e paranoicos, aqueles que procuravam um sítio onde não existissem ataques terroristas e, portanto, aposentavam-se neste lugar. Isso gerava na minha mente a deliciosa ideia de me mascarar como um desses árabes que declaravam a Guerra Santa, com barba e cabeleira postiça, e de levar uma mala para um sítio onde estivessem várias pessoas reunidas. Atiraria a mala para o chão, como se de uma bomba se tratasse, e correria a rir-me às mil gargalhadas gritando pela Jihad. Os presentes entrariam instintivamente em pânico e o mais provável seria que corresse em todas as direções. «Uma bomba! Fujam!» Isso seria divertido como o raio!

Mas o mundo exigia que fôssemos cordiais e morais, que protegêssemos a civilização para que um dia tivéssemos uma boa e santa morte.

Se o meu destino era morrer, então que a minha vida fosse o oposto de santa!

Talvez devesse apresentar-me. Se existia, que fosse em prol da minha liberdade, o bem mais essencial, escrito no meu certificado de nascimento, desde o berço em que chorei pela primeira vez e pedi pelas tetas da mamã.

A maioria das pessoas queria deixar no planeta Terra o seu património ou legado, as promessas de sucesso e do dinheiro, o capital acumulado, as mensagens de uma vida preenchida e a propagação da sua hereditariedade. Em suma, este século era uma repetição do anterior e não tínhamos aprendido nenhuma lição. Vivendo em gaiolas até ao dia em que perecemos, condenados à prisão que eram tanto os prédios em ruínas como os de arquitetura sofisticada. Não questionámos porque tínhamos de trabalhar para sustentar a mesa e a famelga. Pois eu era o contrário: queria levar comigo o património do mundo, incluindo todas as experiências em que nele vivi. Quando enfrentasse a minha derrota na batalha da existência, tudo o que vivenciara não passaria de um sacrilégio e de uma bênção que faria parte das coisas que me tinham formado em vida. Por isso, tinha o direito de levá-las comigo na morte!



Naquela tarde de inverno, acordei às duas horas da tarde. Passei a noite toda a beber com um conhecido, num pequeno bar da baixa. Ele chorou,

comentou que se arrependia de ter casado, que estava na flor da idade para andar por aí na ribalta a fornicar e que não queria ter filhos com a sua mulher. Também mencionou que detestava o trabalho ao qual se dedicou a vida inteira. Não fiquei chocado, mas também não o consolei. A liberdade acabava por ser um bem essencial como a água: apenas nos deparamos com a sua ausência quando estamos presos num deserto. Naquele momento, ele sonhava com oásis, miragens longínquas nas dunas que não existiam sem ser na expectativa da loucura.

Sim, era um dia de semana. E, quando acordei, senti náuseas e fui a correr para a casa de banho. Estranhamente, não vomitei, embora fosse a minha vontade.

Para aliviar o *stress* e a ansiedade, decidi passear sozinho. E, pelas vielas, via-se de tudo: preservativos usados, vestígios de roupa, marcas de urina, seringas e garrafas de cerveja quebradas, espicaçadas em cacos; pessoas que estavam mal com a vida e outras que se encontravam perfeitamente bem com a mesma; *dealers* disfarçados e descapotáveis. Em suma, uma cidade para «bêbados, chulos e vigaristas».

Estava uma bela tarde de sol, mesmo naquela altura do ano. A aragem trazia um ambiente cálido, o céu sem qualquer nuvem e, se Deus me abençoasse, que mais me poderia oferecer? Numa época em que toda a gente procurava enroscar-se em casa, com um saco de água quente aos pés e o aquecimento central ligado, deparei-me, no meio daquele panorama de sol de inverno, com algumas pessoas a vaguearem pelas ruas. Eram semelhantes a pequenas formigas domadas pelo açúcar. Mas, para mim, não existia esse açúcar; era um espécimen que decidi abnegar da sua natureza. Para além disso, não gostava de limites nem da conformidade dos subúrbios ou dos bairros. Tinha de haver mais e mais —, por favor, deem-me mais!

Talvez Deus não me tenha abençoado o suficiente, pensei com uma certa repulsa...

Eu gostava de engolir a vida por inteiro, de experimentar tudo até ao mais ínfimo detalhe, qual receção oral, a arte de adicionar a fome à vontade de comer, as tetas da mamã!

Era uma sensação magnífica, a de viver! Mais importante do que viver, era sentir-se vivo. Se conseguíamos experimentar algo, quer pelos cinco sentidos ou pela mente, então poderíamos ficar gratos pelo nosso sofrimento.

Se houve coisa que aprendi, foi que a vida era dor! E esse era um facto mais triste do que a desgraça de ser inteligente. Talvez um estágio

conduzisse ao outro: inteligência e dor. Essa gula pela vida que carregava veio de um passado conturbado e de uma situação delicada que enfrentava na altura.

Decidi ignorá-la, como fazia com todos os problemas.

Como não havia nenhum plano ou qualquer forma de viver escrita sobre a pedra, eliminava-se o conceito de que existia uma «fórmula para a vida», a equação aristotélica-matemática pela qual se deveria experimentar a existência. Logo, não havia qualquer rumo a ser tomado.

Não era, pois, a vida o nosso restaurante? Pueril², esta pergunta, mas pertinente.



Deparei-me no meio daquela ruela que levava ao parque.

Decidi ligar a um conhecido meu. Era um gajo porreiro, talvez *demasiado* porreiro. Não gostava muito de sair e vivia escondido na sua casa, qual toca ou zona de conforto, ou estaria no seu trabalho, no estágio da universidade. Não falava com ele há muito. De qualquer forma, liguei-lhe porque me apetecia deparar com o apanágio do que era ser uma pessoa equilibrada e, para além do mais, pertencente à minha geração.

— Olá, Rui! Queres ir ao café, aquele perto do parque do Bonfim, e beber umas? — Esta era sempre a minha forma de cogitar. Se houvesse álcool numa direção, seria mais provável que acabasse por escolhê-la. A substância seria o meu «açúcar», e eu, como uma formiga, um ser humano desajeitado e mal ajudado pela vida.

— *Boas, Filipe. Sim, pode ser. Mas não bebo álcool a esta hora.*

— Saiu-me o *jackpot*, não teria de beber sozinho. Mais um dia a evitar a solidão, a qual matava mais rápido do que uma bala. *Ridículo, absolutamente ridículo termos de nos conectar com os outros de forma codependente.* Mais ridículo do que isso, seriam aqueles «machos alfas» que iam para o ginásio para terem medo de um pacote de açúcar no final do dia. *Dieta boa e à base de proteínas, certo?* Bem me pareceu.

Por que motivo detestava tanto a evolução dos tempos modernos, uma sequência que o passado trouxera e se desdobrara num cáustico servilismo³?

2 Pueril – que pertence ou diz respeito às crianças; infantil; imaturo; ingénuo.

3 Servilismo – atitude ou comportamento de submissão exagerada e subserviência a outra pessoa, geralmente com o objetivo de agradar ou ganhar favores.

— Então, podes ir ter ao Bonfim, ao parque? — perguntei.

— *Claro. Vou pôr-me a caminho!*

E, então, decidi seguir o mesmo rumo. Era rápida, a viagem.

Quando se vivia numa cidade pequena como a de Setúbal, tínhamos de nos habituar à monotonia. E, no entanto, era exatamente isso que me assustava. A ausência de ação assustava o homem porque éramos instruídos, desde pequenos, que a vida só fazia sentido quando éramos úteis para a sociedade, para o mundo, servos de servos, escravos de escravos. Somos programados, que nem um mero computador, a seguir essas instruções, banhadas, agora, nas águas do nosso subconsciente — um mar universal onde pernoitam ideais, símbolos primitivos, a sopa primordial da psique humana.

E tudo isto para evoluir para uma sociedade que afirmava: «Trabalhai para que um dia podeis deixar sobre a Terra o vosso legado! Trabalhai para um dia vos sentirdes úteis! Trabalhai para serdes influentes e ganhar dinheiro! Trabalhai, trabalhai para acumular capital!»

Gerava-se a questão: «O que fazer com as experiências da Terra? Não são elas mais enriquecedoras do que o dinheiro que recebemos do mercado? Não são elas o alimento da alma?» Em suma, era um experimentalista.

Por outro lado, não era segredo nenhum que o homem tinha um «buraco» na sua alma (ou, se quiséssemos ser mais literais, no corpo, e acho que sabem bem do que falo). Para preencher esse buraco, o homem procurava qualquer coisa (e também acho que sabem do que falo), nem que fosse a mais pequena ninharia, um ato escapista que preenchia temporariamente o vazio da existência humana.

O homem nasceu com esse «crime» e, agora, devia saldar a sua dívida para escapar à prisão chamada «vida». Tinha de caminhar para a sua salvação, enfrentando o castigo de pensar: quebrar todas as leis da natureza. A prisão que este mundo impelia sobre o nosso potencial era de que nos livrávamos aquando da morte. Até lá, ocupávamo-nos de trabalhar, de sermos úteis para a sociedade, tal qual meras ovelhas com medo de tudo, «Ai, Jesus, queridinho, engordei um quilo!», para podermos ter a dignidade de uma autoestima com buracos preenchidos! E esse rebanho, por vezes, tinha lobos disfarçados, e o canibalismo tornava-se na norma, qual matilha que atacava com inveja, receio e ambição, sempre em prol das necessidades individuais.

Tudo isto inserido num mundo que glorificava gajos do ginásio — aqueles músculos gregos —, pessoas de carácter insípido e detestável, mesquinhos e superficiais. *Hey*, mas se o povo apreciava e dava louvor

a isso, sim, então que assim seja! Devorar-se-iam num jogo de humilhados e ofendidos, tudo para conseguirem pertencer a uma escumalha de um grupo de pessoas *lindas*, com a presença de deuses gregos.

Lá fui em direção ao parque! Bem-haja, um excêntrico como eu, a caminhar pelas vielas com o maior orgulho da sua pessoa. E era da minha pessoa que precisava de ter orgulho.

Mas não seria isso uma presunção, uma forma em como aprendi a lidar com o «buraco da vida»? A vida, decerto, deitou-me abaixo inúmeras vezes e continuava a fazê-lo. E cada vez que caí, levantei-me com o dobro da força («Isso foi o que ela disse»)! Não importando se acabaria por chorar ou vaguear pela mente, errando também pelos passeios indeterminados, pois se havia um obstáculo, iria vencê-lo. Nem que me risse das minhas circunstâncias! Aliás, quando a vida não tinha qualquer propósito, não havia o risco de nos magoarmos e, portanto, tínhamos sempre a oportunidade de dizer que já desperdiçámos outras vinte e quatro horas.

Se não havia nenhum propósito, não havia dor. E essa era a verdade.



Ao fim de estar sob o recinto algum tempo, a contemplar os patos e os cisnes, lá vi um rapaz magro e alto (como costumava afirmar o povo simplório e ignóbil). Caminhava na minha direção e tinha um ar neurasténico. Era, pois, o Rui Espadinha. A sua estatura revelava alguém que, com certeza, não era nem alfa, nem beta, mas sim uma pessoa no último *ranking* da cadeia. Também seria um excêntrico, outra alma em cativeiro, a tentar preencher o vazio da vida. Não sabia a resposta para aquilo que era nem para o que ele seria! Apenas cada homem podia saber da sua situação, e eu desconhecia a minha.

Para fugir à minha dor, ao calvário da minha existência, foquei-me no que queria: rir-me. E nada no mundo me impedia de obter o que queria. Nada, mesmo!

Podiam-me chamar infantil, pueril, imaturo, mas onde existia desejo, onde havia vontade para viver, havia também um caminho! A vida era o nosso restaurante!

— Então, Rui!? Finalmente! Estava a ver que ia ter um AVC ou uma merda qualquer enquanto esperava, porque o sol está forte e já fumei cinco cigarros.

Riu-se e disse:

— Estúpido. Queres ir àquele café em frente ao lago?

Anuí. Sentámo-nos na esplanada, enquanto pedi duas imperiais. O café refletia a cultura da cidade: cinzento, desprovido de cor e de vida, sem brilho, onde as pessoas comentavam fofocas e falavam, pobremente, da vida alheia. Jesus Cristo chamar-lhes-ia hipócritas. A esplanada apresentava mesas no exterior, enquanto outras ficavam no seu interior. Reinava ali o espírito português na mais pura pobreza de espírito de quem queria ser burguês. A nação que conquistara o mundo e desvendara todos os mistérios do desconhecido à Europa na chamada «Época dos Descobrimentos» (que nada descobrira, apenas abrira os olhos, rasgando aquilo que o horizonte escondia) conduzira a sua gente a um conjunto de pessoas estúpidas que idealizavam a tristeza como forma de lidar com a vida. Ignoravam a alegria e ainda eram vis, cruéis, ciumentas, monos nojentos e enjaulados nas suas prisões — fosse a família, o casamento, o trabalho ou os dogmas. Um estilo de vida condicional. Todos tinham um ar abatido de quem levava muitas chapadas da vida e apresentavam os mesmos olhinhos de cachorrinho abandonado.

Percebam o meu carácter, eu não me condescenderia à tristeza para perceber a felicidade.

— Então, o que me contas? Sei que estás a estagiar em engenharia aeronáutica — perguntei. Queria ver até que ponto estava apto para desenvolver a conversa. O meu objetivo era testá-lo.

— Não sei como vou ficar daqui para a frente, Filipe.

Oh, as lamúrias das pessoas que valorizavam a tristeza para se enquadrar na única sociedade que continha a intraduzível palavra «saudade». A tristeza tornara-se uma distração para se integrar. E voltávamos ao embotamento, ao «Ai, Jesus, queridinho, engordei um quilo!» Observei-o com cautela e ele prosseguiu:

— Estou a ver se ganho uma posição sólida no meu trabalho, mas foda-se! A competição é enorme, cerca de quinze cães a atirarem-se a um único osso. Estou sempre a pensar que vou conseguir subir, ascender na carreira. Ou que alguém vai notar em mim, nas minhas habilidades acima da média, mas nada acontece. Tudo o mesmo, tudo mais do mesmo!

Dei um trago na cerveja. Gelada e fria, e senti uma espécie de tontura.

— Bem, sabes... Devias parar de te comparar aos outros. Apenas assim encontras algum mérito em ti.

— É difícil naquele ambiente, Filipe. A competição é algo que está presente a toda o momento. Na empresa, há pessoas que ganham o quádruplo, ou mais, do que eu recebo, e são menos qualificadas. Diz-me lá se isto não é injusto? Eu acabei o curso com melhores classificações do

que eles, e agora trabalho para os mesmos — disse com uma certa inveja e repulsa.

Já pressentia até onde aquela conversa iria conduzir: à superficialidade e à mesquinha comparação com a vida alheia, à inveja e ao sentimento de superioridade e de autoenobrecimento para provar algo aos outros. — Ou estaria aquele aspirante a uma posição social a tentar provar algo para si mesmo?

— A vida é lixada. Acho que te debes importar com o teu estado e não com a prostituição que os demais fazem em torno da mesa de trabalho — respondi num tom solene e um tanto sombrio.

Por algum motivo, gostava de ver aquela figura idiótica naquele estado de desespero, com a sua invejzinha parva, a cobiça de um jovem ambicioso que achava que merecia o melhor porque tivera «melhores classificações». No fundo, tudo isto se tratava da ignorância que nos incutiam desde pequenos e depois era perpetuada pelo tempo (*Trabalhai, serdes úteis! A morte santa e a santa morte*).

Continuei:

— A tua vida é o que importa. Se não estás satisfeito com ela, devias mudar. As pessoas têm um medo terrível das mudanças. Eu tenho medo que nada mude.

— Mas como posso mudar, se todos os caminhos que percorri me conduziram até aqui? A universidade foi extremamente difícil. Um trabalho árduo, horas de sacrifício, matar o tempo com a agonia de ter um futuro melhor... Para agora ser humilhado desta forma? — Quase deu um murro na mesa, cerrando os punhos.

— Como costumo dizer, devemos levar a vida como se fosse uma piada. Até neste momento estás só a beber uma *Coca-Cola* em vez de uma cerveja! Por favor, é tudo uma questão de sair e experimentar. Se te queixas lá das aerodinâmicas é porque talvez não seja a tua paixão. Temos de nos abstrair e deixar que a vida aconteça. Quanto mais tentamos, piores as coisas ficam.

— Isso é extremamente assustador para mim. Não estou para perder o controlo sobre algo que conquistei com tanto trabalho e empenho.

Ah, o testamento da síndrome do impostor. Virou as atenções para mim, de seguida, reparando que devia estar a revirar os olhos.

— Mas o que tem a minha *Coca-Cola*?

— Tu és *jovem*! Como é que não estás a experimentar os prazeres que a vida te pode oferecer? Se há uma coisa que afirmo, é que qualquer momento pode ser o último. O adeus eterno a esta vida. Cada decisão

que tomamos só chega a vias de facto porque consideramos, erradamente, que podemos viver mais tempo. Acaso o homem tem controlo sobre o seu destino? Depois da nossa conversa, podemos sair daqui e ser atropelados por um camião. *Finit!* Não temos controlo sobre o destino...

— Resumindo... — Começou a pensar (*finalmente a pensar!*). — O que importa é viver o momento? Eu não sei, Filipe. A segurança é uma necessidade básica para a minha pessoa... — Pensei para mim próprio se havia alguma segurança no mundo. — Não consigo ser um *descontraído*. Levo a vida a sério, porque é a vida que me dá segurança. E quanto à longevidade, se sou saudável, então viverei mais, o que corresponde ao retorno que a vida me dá. A longevidade. Ou, pelo menos, tenho essa hipótese...

Educados para serem estúpidos e ensinados para serem nada de todo, pensei com mesquinhez.

— A ilusão da segurança... Nunca se sabe quando partimos. Até as coisas mais dramáticas podem acontecer às melhores pessoas — protestei e levei a cerveja mais uma vez à boca. Um arrepio desceu-me pela espinha. — Eu gosto de ser levado até onde o vento me levar. Eu não sou o capitão do meu navio, nem da minha alma. Alguém tem controlo sobre o mar onde navega? Pensa lá nisso... Foi por isso que desisti da escola. Da universidade. Não era capaz de suportar tanta rotina.

— Então deixaste tudo por isso? Nós pensávamos que estavas com dificuldades económicas... — admitiu com um certo espanto.

Na realidade, nunca fui um aluno aplicado e algumas dificuldades começaram a atravessar-se na minha vida. Peripécias sobre as probabilidades da vida e da morte, mas não económicas.

— Não, apenas me cansei. Sabes o que é estar confinado a um espaço que não é o teu meio? É uma prisão, e eu não suporto quaisquer restrições ao meu comportamento. Dêem-me a liberdade ou a morte! Na universidade, sentia-me como um peixe fora de água.

— A liberdade é perigosa, Filipe.

O comentário fez-me pensar em como essa forma de cogitar era aquilo que sociedade desejava. Restringir o potencial das pessoas, o autêntico *eu*, a verdadeira essência da expressão humana.

Nascemos com possibilidades infinitas, e acreditava que podíamos ser tudo e qualquer coisa, transportando a pluralidade do universo no centro das nossas almas, qual *Ghostkeeper*. O fantasma interior, a vontade humana que, quando provava ser nobre o suficiente, fazia com que os deuses se curvassem e obedecessem. Mas os pais, a escola, as regras,

a moral, a ética, a sensação de estabilidade acabavam por nos limitar. Castravam toda a liberdade com que nascíamos, o verdadeiro potencial de um corpo e mente, um organismo que tinha o universo dentro de si. Diminuíam-nos ao estado de pensarmos que só existia tal e tal padrão de vida. Tudo isso me enojava.

Continuou:

— E tu? Continuas naquela vida?

— Mas de que tipo de vida falas tu? — Ri-me.

Achei piada ao facto de ele se referir à minha existência como se fosse algo *menor*, de qualidade inferior, comparando-a à dos seus colegas de trabalho, como se essa fosse a *ideal*. Não era, pois, o mundo lixado, um lugar onde o nosso nome, o nosso ofício, a nossa formação e os nossos títulos eram vistos como sendo mais importantes do que a nossa pessoa?

Psicanalisei-o rapidamente... Ele queria viver o que os outros viviam, e isso dava acesso a um clube de idiotas.

— Eu agora estou desempregado. Tenho a estratégia de trabalhar uns meses em tal e tal trabalho. Depois despeço-me e vou para o desemprego para receber o subsídio. Definitivamente, não fui feito para uma vida «estável».

Era a mais pura verdade o que eu tinha acabado de dizer. A vida em sociedade deixara de ter significado para mim. Mas queixava-me disso? Não. Eu contava as minhas *bênçãos* e não as *tristezas*. A mente do ser humano funcionava desta forma: conforme observava, a visão caleidoscópica do nosso espírito, a essência de que falava, observava mil maravilhas ou mil desgraças. Aí residia o paradigma, pois vivia numa sociedade onde todos eram pessimistas. Toda a gente tinha o seu poder na mão, o paraíso inesperado de uma porta por desvendar. E, no entanto, todos o desperdiçavam, procurando por miragens e não oásis. Uma fuga da realidade.

— Isso parece-me uma existência conturbada. Não invejo a tua posição. Como não conseguiste acabar os estudos? É sempre bom aprender, estamos sempre a...

Interrompi-o.

— Aprendemos mais pela experiência do que através da teoria. A universidade não era para mim. Não gostei da forma como o ensino está organizado. Para já, limita-nos a criatividade. Somos levados ao conformismo e à falta de liberdade de expressão. Engolfa a nossa autonomia, pensando como um rebanho, e, ademais, limita a nossa própria capacidade

de resolver problemas. De sermos livres do que está pré-estabelecido. Os métodos de aprendizagem acabam por estragar o potencial de todas as gerações, e eu não quero ser vítima disso. Uma pessoa limitada ao normal. Já reparaste que a cada nova geração surge uma nova moda e uma nova tendência? E, com isso, um novo problema e uma nova forma de resolvê-lo? — Depois gozei e disse: — Ou estou muito à frente ou sou um caso perdido. Que importa?

— Repito, essa forma de pensar é perigosa. Precisamos de alguém ou algo que nos oriente neste mundo.

Interrompi-o novamente:

— Estou a falar da *minha* forma de viver. Não está nos meus planos entrar em modo de sobrevivência nesta selva. Se tudo acontece é porque vivo para o melhor. Se não há trabalho, logo não existem preocupações, não há regras ou expectativas. Podes pensar que assim estou apenas a escapar à dor da existência. Porém, vivo com todas as forças que tenho em mim, e isso basta-me — concluí com uma certa agressividade.

— Isso — disse ele enquanto dava um golo na *cola* — parece-me ser um caso de gluttonia. Filipe, tens medo de que um dia caias no desespero das expectativas que crias, e isso será a tua ruína. Trata de meter a tua vida em ordem, homem!

Ah, pois, o típico comentário de quem pensava que tinha uma existência melhor e que me podia dar lições de moral. Mas o que fazer perante a estupidez alheia? Não se podia corrigir a idiótica maneira de cogitar dos contemporâneos.

Enquanto o mundo fosse ridículo, podíamos sempre rir da sua faceta, gozando com o absurdo da vida.

Continuei:

— Oh, sim, pois claro, a fazer previsões! Se estou vivo é porque quero experimentar tudo o que esta passagem tem para oferecer. Sou, de facto, um glutão por experiências. Gosto de estar onde quero estar — há alguém que me impeça disso!? Mas sabes, aprendi muito nestes anos. Aprendi que a vida é uma piada. Nunca se deve encarar com demasiada seriedade. É tudo um jogo que perdemos no final! O mundo força-nos desde muito cedo a trabalhar e a tomar uma posição, a entrar numa hierarquia, um ciclo, uma vida estável. Que se lixe isso! Não quero ser nada de *concreto*, muito obrigado.

Fiz uma pausa. Pensava em várias coisas ao mesmo tempo, como sempre. *Que se dane a atenção para uma vida ordenada, e que se danem as restrições! Que se dane o salário no final do mês, e que se dane a vida*

dentro de parâmetros. Ah-ah-ah, olhem para mim, pareço um político a pregar a minha mensagem. Só me falta o nariz de Pinóquio.

Ele interrompeu os meus pensamentos:

— Acho que a tua gluttonia é baseada no medo. Em concreto, o receio do aborrecimento e da estagnação. Esses medos prendem-te de tal forma que acabas por estar limitado a eles. Isso, sim, é ser algo de *concreto*.

Naquele momento, percebi porque não gostava de sair com o Rui. Sempre com o seu sentido moralista, organizado e límpido — algo típico dos nossos, dos *tugas*. Ele era acompanhado pelas vertentes de psicologia lusitana, oferecendo, como se fosse um ato nobre, conselhos não solicitados.

Eu detestava que me tentassem psicanalisar. Alguém queria ser um objeto estático, plano? Não sabia, mas eu não. Claro que não! Queria liberdade, queria viver como um cavalo alado. Aliás, o meu nome, Filipe, significava «aquele que gosta de cavalos». Agora, não imaginem esse tipo de «cavalo», senhores, por favor. *Please, gentlemen*. E não haveria coisa melhor do que sermos mais livres do que eles, essas criaturas que viviam com medo da própria sombra? Isto é, na natureza, um cavalo era livre até ao momento em que o homem lhe colocava as mãos em cima. Estragava tudo com as suas regras, com a sua moral e ética. Apesar de temer a liberdade — tomemos, por exemplo, o caso do cavalo e o espírito libertino que existia no animal —, o homem tinha medo do seu poder.

Mas será que ele tinha razão?

Seria a minha existência tão desprezível ao ponto de alguém ter piedade de mim? Eu vivia sozinho, tinha a minha independência. Se tivesse meios, claramente sairia desta cidade estúpida e pequena, que também era habitada por gente estúpida e pequena. Claramente que Portugal não me fascinava. Aqui encontrava-se o apanágio do Neolítico, quando o homem descobriu que, ao plantar uma semente no solo, habitaria nessa porção de terra para sempre, pois teria alimento. Um bando de invejosos, patriarcas, falsos, idiotas, tristes coitados que conheciam a palavra «saudade». E essa saudade que sentiam era referente a algo que nunca desejaram.

No meio da minha confusão mental, considerava que todo o mundo era idiota. As pessoas não conheciam a bênção que tinham: a sua vida, independência e poder. Sem a essência da alma nada existiria, a não ser o vácuo, o nada. E, no entanto, a maioria das pessoas preocupava-se com coisas fúteis, queixando-se de ninharias quando deveriam estar agradecidos por terem uma existência, por estarem longe da fome, da peste

e da guerra. A sociedade corrompia tudo isso — corrompia a felicidade, a criança interna que dispunhamos.

E não seria melhor sermos como uma criança, explorando o mundo com o fascínio de ver as coisas pela primeira vez, apresentando *humor*, sabendo brincar, divertir-se, explorar, deambular, ser um aventureiro nato e rir-se da desgraça? A maioria das pessoas acreditava tão estupidamente na sua disciplina que caía na armadilha de se converter nos trabalhadores conformistas que a civilização desejava que fossem. Ninguém nascia cínico, e todos nós tivemos uma infância onde tudo era bonito. A menos que... se tivesse sido «tocado» pelo vizinho do lado.

— Rui, não me tentes dizer o que eu devo fazer. Sei que tenho a capacidade de alterar qualquer problema, do mais pequeno ao maior. Ao contrário de ti, fui feito para viver e experimentar o mundo pelos olhos de uma criança crítica, ao passo que, aos teus olhinhos, isso não passa de sobreviver uma «coisa» miserável.

— Sinceramente, não sei o que dizer. E não estou a gostar do tom com que me falas. Parece escárnio. Acho que vou andando. — Olhou para o relógio, como quem estava de facto a ouvir uma verdade e a fugir dela.

Tentava dizer-lhe que existia mais vida para além daquele mundo cinzento e ambíguo onde ele vivia. Não o podia convencer do contrário. Bem, ele que continuasse com a sua invejzinha.

Acabámos por nos despedir com um aperto de mão. Mais uma vez, não tinha um rumo! «Eu não sou o capitão do meu mar», mas alguém apresentava esse poder? «Não sou o capitão da minha alma», mas havia alguém que desejasse ser controlado pela sua mente com tamanha rigidez que fazia de si uma marioneta?

Que tipo de vida podia um homem apresentar, mesmo que fosse abençoado com todo o poder de Deus? O céu podia esperar, eu já estava no paraíso!



Capítulo 2

Pierre Bezukhov encontra um urso

«O efeito Mariposa desvendava-se em incomensuráveis padrões, todos eles possíveis, assim como caminhos por viver. O caos tornava-se o agente que regia a realidade. Simultaneamente, era possível encontrar uma ordem no caos, uma sequência na entropia. Nunca me apercebera que tudo começara naquela noite, quando a delinquência pedia pela anarquia e pela vida desregrada. Tudo colmataria, mais tarde, numa boa dose de *humor negro*.»

Notas de Filipe Santos, após a saída do hospital

Escurecia lentamente, enquanto o sol mergulhava no horizonte, criando um espetáculo de cores fantásticas: o laranja conjugava-se com o amarelo e formavam um tom rosado. Mais tarde, caíria a penumbra do crepúsculo, e supunha que seria uma noite de lua cheia. Até lá, o cenário para lá das praias dispunha-se como um verdadeiro oceano tropical, um ambiente polinésico, aqueles com palmeiras, areia fina, cristalina e macia, assim como água tépida e transparente. Apesar da frescura que a brisa da noite trazia, o rio beijava a terra, constituída por uma cidade tão morta como o senhor querido Jesus Cristo, assassinado e sepultado.

Setúbal encararia, portanto, mais uma noite fria, enregelada e escura. Lentamente, os lampiões passavam a emitir uma luminosidade que atraía pequenos insetos e, em certos bairros, os ratos disseminavam-se pelos canos, aparecendo sob a pequena penumbra algumas ninhadas que ascendiam os muros.

As pessoas medíocres deveriam estar felizes pelo trabalho que tinham executado durante o decorrer do dia, deparando-se com o artificial da

vida, qual satisfação de um vencimento capitalista, o comércio do corpo e da mente. As rodas dentadas de um relógio que contava um tempo relativo para que as grandes corporações continuassem a lucrar.

Já as pessoas livres, isto é, aquelas que se deparavam com a paz ao final do dia quando não se repetira mais do mesmo, observariam aquele fantástico pôr do sol encoberto pelos prédios cinzentos e degradantes, enquanto pensariam em polinésias. Esses prédios, os bairros, os subúrbios, os edifícios de negócios e trocas comerciais não deviam ser nada mais do que algo a ser ignorado! Não passavam do escroto de onde vinha a feliz infelicidade de se gerar um filho não planeado e, quando dávamos por essa forma de pensar, a civilização tornava-se, de facto, num escroto muito sensível ao toque.

Pensava em mundos distantes por serem descobertos — era essa a temática que enchia a minha mente, longe daquele meio pequeno e incivilizado, tomado como grande e moderno pelas pessoas mais patriarcas, as que continham o espírito nacionalista intocável, tal como uma virgem.

Finalmente, dei comigo num rumo. Caminhava na direção do cais, onde iria a um bar. Ou seja, uma outra noite de borgia e de excessos, contando que não enfrentaria a minha solidão sozinho. À minha espera estavam o Ricardo e o André, dois amigos de longa data. Esperava não ter de ser arrastado para casa. O meu corpo meio-morto, ostentado por essas duas criaturas, a minha própria carcaça adiada, findada e atirada para um canto qualquer como se tivesse sido alvo de um crime. O maior crime que cometia era o de não ter qualquer consideração pelo meu organismo ou pela minha *santa* existência.

Até que chegou essa noite maldita...

A cada minuto que passava, o frio intensificava-se ao ponto de fazer os dentes baterem e os músculos terem espasmos. Foi aí que notei, mais uma vez, no quão morta era aquela cidade. Um terreno ermo para pessoas que desejavam mais do maravilhoso e menos do comum banal e do mundano, qual cosmos das trivialidades da existência.

Por onde quer que fosse, enveredando por uma ou outra trajetória ou mesmo quando acabava por fazer um desvio no caminho, encontrava-me sempre com as mesmas habitações, jardins, edifícios; um ambiente doentio graças à sua estagnação. Queria tão desesperadamente sair daquele lugar, que um certo sufoco — coisa que não era usual em mim — atingiu-me.

Setúbal, por mais que se encontrasse numa bela posição geográfica, entre o rio Sado e a Serra da Arrábida, era constituído pelas pessoas mais fanáticas e dogmáticas que existiam. Exibiam, pois, uma mentalidade

mesquinha e um modo de cogitar falacioso. Em primeiro lugar, prezados senhores, as pessoas daqui eram sempre as mesmas, planas e estáticas, não gostavam de mudanças. Segundo o meu pai, a maioria veio do centro-sul, do Alentejo, regidas pelos ideais do comunismo, pelas trocas de mercadorias e ainda pelo fascínio pela pesca e da vida passada num mar de etanol feito à base de levedura (falo, pois, da cerveja). Detestava este espírito de servilismo e boémio, pois, apesar de ser um hedonista, ao menos tinha a capacidade de conseguir arriscar. De escapar a uma existência para sempre encurralada no próprio medo, roendo a pata para escapar de uma armadilha, como faria um animal, e assim manter a estabilidade, apesar da agonia que acabava por percorrer o corpo.

Depois, tendo em conta que era uma cidade pequena, implicava a ausência de diversidade. As pessoas pensavam como um membro de um clube, agiam em prol desse clube, falavam a linguagem do mesmo e aderiam aos dogmas dele, inexistindo, portanto, variedade de pensamento criativo. Também havia a falta de locais de lazer e de prazer (exceto, talvez, a famosa avenida Cinco de Outubro, onde estão lá as *meninas* e os *meninos*...).

A maioria das pessoas tinha a propensão natural de apresentar síndrome de «sangue azul» em relação à sua cidade natal. «Oh, não há terra ou terrinha melhor do que a minha, Setúbal, um *orgulho*», afirmavam eles, piscando os olhos. Quando desconheciam o resto do mundo e o que estava para além do horizonte, aquilo que os seus olhos conseguiam enxergar e os sentidos experienciar. Ninguém escolhia o local onde dava a sua primeira respiração, assim como o choro de um recém-nascido quando se cortava o cordão umbilical; como consequência desta assunção, não havia razão alguma para se sentir orgulho da cidade natal. Foi um acaso da natureza, não um ato refletivo que poderia vir a trazer «orgulho».

Com tantos locais interessantes onde poderia ter nascido, florescido e desenvolvido o meu potencial, vivi no meio de pessoas com embotamento mental, fechadas sobre a sua própria estupidez, e que dispunham da cultura de um chimpanzé.

Mas quando se falava de Setúbal e dos seus habitantes, havia de ter em conta que o mesmo se aplicava a qualquer forma de espírito nacional e mentalidade neolítica. Ah, o medo de tigres e a colheita dos frutos...



Após caminhar apressadamente pelas vielas, lá cheguei ao bar. Recebi uma mensagem a dizer que o Ricardo e o André estavam nas docas, à minha espera.

Naquela altura, estava muito escuro, e a noite era apenas iluminada pelo luar cheio que era refletido sobre as águas do Sado. Isso conferia um ambiente fantasmagórico às embarcações que pernoitavam ao sabor das ondas, calmas e estáveis. Os meus amigos encontravam-se sentados num banco, a fumar, com umas quantas garrafas de álcool em seu redor.

O que podia dizer sobre eles? O André era uma pessoa estranha: gostava de se embebedar e de se entreter com qualquer coisa, mas, para mim, tinha complexos de inferioridade e disfarçava-os bastante bem. Para ele, a maioria das coisas eram fascinantes, até o desmontar de um relógio para ver como cada peça funcionava — nesse sentido, chegávamos a ser parecidos. Porém, ele tinha um rumo, uma paixão para a qual dedicava a sua vida. Fazia parte de uma banda de música *rock*, onde tocava guitarra e ainda fazia parte do coro de fundo.

Já o Ricardo, o mais acertado de todos nós, tinha outro rumo para a sua vida. Estudava medicina e dizia que viria a tornar-se num psiquiatra. Para ser sincero, boémio errante como ele por vezes se dispunha, desconhecíamos em que ano da universidade estava. Conhecia esses dois desde o secundário, desde os tempos no famoso Liceu do Bocage, e nada se assemelhavam em termos de mentalidade — assim como se diferenciavam de pessoas mais snobes, tal o Rui Espadinha e a maioria da população de Setúbal. Estes meus amigos eram pessoas dispostas a melhorar as suas vidas, nem que para isso tivessem de arriscar tudo o que tinham. Apesar de não passarem dos maiores boémios ou simplesmente nadarem num mar de prazer, hedonistas, diletantes, porcos epicuristas que viviam somente para o melhor que a vida podia oferecer, eles desfrutavam — aliás, *nós* desfrutávamos — do melhor cenário possível. Era isso que nos tornava equivalentes, pois, apesar de termos tido o mesmo berço, nascendo na lama daquele curral, sabíamos claramente que esse não era feito de ouro e que apenas tinha tendência a piorar com o avançar do tempo. Resumindo, estávamos dispostos a enfrentar o mundo, o desconhecido, as barreiras, as dificuldades e a aversão aos *nossos* (éramos criaturas que se destacavam pela garra contra o apanágio da nossa cultura) com o objetivo de poder levar com a nossa vontade avante! O paraíso chamava pelas nossas mãos; apenas seria necessário alcançá-lo.

Tudo isto fez-me pensar novamente em polinésias, nas águas transparentes e límpidas, isentas de poluição e com cardumes de peixes a nadar sob elas. As palmeiras conferiam sombra ao sol abraçador, e a areia era cristalina, macia ao toque. Ah, paraísos perdidos...

Até chegar o momento de desabroçarmos, as nossas pétalas deliciavam-se com o que podiam encontrar, fosse a brisa, a chuva, o sol, a água e o solo, ou o simples facto de existir. Naquele momento, eles já haviam aberto uma garrafa e propuseram-me uma bebedeira.

— Então, Filipe, é desta vez que te vemos a arrumar carros? — provocou o André, magro, alto, envergando um sobretudo preto. Saía-lhe da boca um fumo azul-cinzentos, que desaparecia na escuridão da noite. Isso devia-se ao frio, e a fumaça confundia-se com o tabaco. Não era segredo nenhum que eu saltava de trabalho em trabalho, com o objetivo de ter mais tempo para poder desfrutar dos prazeres da vida.

— Não, não chegou o momento de arruinar a minha vida. Ainda tenho dignidade. — Os outros riram-se, pois, sabiam que a minha premissa não era uma verdade universal. — A tua banda já deu mais algum concerto? — perguntei, enquanto reparava no cheiro a erva que vinha dos bancos do lado, onde putos do secundário tentavam apreciar o momento.

— Eh, não, estamos com dificuldades. Ainda não conseguimos estabelecer uma arena ou um pequeno palco. Pergunto-me por que o mundo da música é assim, estagnado no nosso país. Tudo enquanto damos créditos a pessoas que deviam estar escondidas em buracos. Pelo amor de Deus, parem de fazer pessoas estúpidas famosas. — Riu.

Estávamos nos bancos das docas, situados ao pé de uma estatueta de um golfinho, pintada de forma surrealística. O rio Sado era conhecido por ter alguns destes espécimes. Aliás, ao longo do pavimento, estavam várias estatuetas de golfinhos, cada uma encenada na sua forma, com bolinhas, às riscas ou arte mais abstrata. Lembrei-me da primeira vez em que me embebedei — foi naquele local, e fiz um *striptease* no varão que ostentava uma dessas figurinhas.

A noite estava encantadora, e pedi um bocado de vodca. Observava-se a calma das águas do rio, que refletiam as toscas luzes da cidade, um pequeno lusco-fusco que brilhava. Havia também todo o tipo de embarcações atracadas naquele cais. Barcos verdes, azuis, amarelos, pequenos, grandes, outros com uma cabine interior... havia alguns que tinham apenas remos, e estes causavam um certo sentimento de claustrofobia e de excitação (ansiedade e fascínio são duas coisas semelhantes, mas em polos opostos — um facto a não esquecer). Ao ver aquilo, fiquei com o desejo de me tornar pescador — a ideia deliciou-me. Um homem do mar e não desta terra. Um homem que decidiu seguir uma vida diferente, pouco convencional e um tanto antiquada, enquanto o mundo se modernizava com a tecnologia, a epidemia de solidão e doenças mentais que ela trazia.

Já me sentia embriagado com três goles de vodca pura. Lembrei-me do comentário do André e afirmei:

— A maior parte da música tem o seu pedestal na América. É lá que são produzidos os estilos musicais que dominam o mundo e definem as tendências.

Acrescentei, sentindo uma tontura:

— Eles têm poder sobre as tendências, os estilos de vida e pensamentos que a maior parte do planeta segue. Desde o cinema à cultura; da moda e à forma como os jovens se organizam em grupos. Tudo isso começa na América. Devíamos migrar para lá.

— Passa mas é a garrafa para cá — irritou-se o Ricardo. Provavelmente estava esgotado com os exames que a universidade exigia.

— Hoje, encontrei-me com o Rui, com o Rui Espadinha. Lembras-te dele? Chegámos a entrar na mesma universidade e partilhámos algumas cadeiras. Agora, esse idiota está com uma inveja mesquinha da vida dos outros e da posição social dos colegas. Amargurado porque os restantes, aqueles a quem ele não dá crédito, têm algo que ele não consegue obter. O que se pode fazer com isso? Não entendo, não entendo, pois não cobiço a vida de ninguém. O que os outros fazem ou deixam de fazer faz parte de um ramo que apenas diz respeito aos seus próprios assuntos. É uma perda de tempo tentar recriar o que os restantes têm, porque cada um está no seu nível.

Dissera a verdade. Mesmo que os meus amigos já tivessem estabelecido um rumo para a sua vida, enveredando pelo trajeto das suas paixões, não era razão para ficar histérico-*borderline* e morder a cauda sob o ciúme e a cobiça. Cada um tinha a sua posição na vida e só tínhamos de respeitá-la.

Mas se havia coisa que eu não respeitava era a estupidez — particularmente, como referido, o néscio carácter do espírito português. Aqueles que afirmavam com orgulho e preconceito que o mundo fora «descoberto» pelos nossos navegadores. Ironicamente, o que conquistámos e destruámos controlava Portugal e todos esses países europeus, sodomizando-nos como um cato.

— Lembro-me desse Rui, meu. Era um sujeito com o nariz empinado e que procurava sempre os ricos. Ele e o seu círculo achavam-se os melhores porque eram populares. Eh, uns bardamerdas! — afirmou o Ricardo, bebericando da garrafa. Qualquer coisa não estava bem com ele, uma pontada de irritação. Senti algum desdém na forma como falava. Acrescentou ainda: — Ele não passa de um cachorrinho mal abandonado

em busca de uma família. Forte instinto social, é isso! Mas, na verdade, seria capaz de tudo para se enquadrar.

Na verdade, para além de ser o mais analítico, o Ricardo devia ser o mais louco de todos nós, mesmo sendo estudante de medicina. Lançou-se num discurso apaixonado em como o sistema de saúde americano era incrivelmente injusto e como desconsiderava quem não tivesse seguro com o capitalismo. Aí revelou parte das suas tendências para causas e justiça sociais. Confesso que me davam arrepios quando ele começava com monólogos sobre a equidade. Por outro lado, ele também era traiçoeiro e não se tratava de nenhum santo. Da próxima vez que tivesse uma consulta médica, saberia que, por trás da capa profissional que a sociedade dava bastante valor, havia, com certeza, uma vida *absurda e obsoleta*, algo menos divino. Ao mesmo tempo, ele era uma pessoa moral e reta, um paradoxo. Um estranho misto de um sujeito que tanto apreciava uma boa piada, uma boa dose de *humor* negro, como uma aventura indisciplinada pelas vielas; também vivia para o rigor e para a ordem. E eu respeitava-o por esses motivos.

— Só um idiota é que caía nessa ratoeira: lá porque recebe a atenção de pessoas influentes pensa que é um cavalo, quando não passa de um jumento como todos nós. A grande cenoura que se coloca à frente de uma mula para que ela continue a caminhar. No fim do dia, somos controlados pelas nossas paixões. Acabamos por ser regidos pelas grandes corporações, empresas, por tudo o que está depois da escola e que nos prende a um dado estilo de vida — comentei e depois pedi que abrissem o *Martini*. Sim, dei comigo a falar de forma instintiva, sem medir as palavras.

— Exato — disse o André. — Tudo acaba por ser um dogma, uma esparrela que a sociedade tanto deseja que derrapemos nela. O meu desejo é que a banda siga em frente. Ao menos sei que estou a cantar sobre temas pertinentes, ainda que destrutivos. Talvez isso venha a afetar de forma positiva algumas pessoas que lidam com certos problemas, drogas, raiva, destruição, automutilação, por aí fora. O veneno que é a cura para o próprio veneno.

O Ricardo torceu o nariz. Sabia que a cura tinha de penetrar mais profundamente na pele do que a peçonha. De qualquer forma, ficávamos cada vez mais ébrios, perdendo o fio à meada da conversa.

— Por que raio pensamos tanto no futuro? Nada adianta essa ansiedade! Claro que o passado nos trouxe ao dia de hoje, ao presente, mas o amanhã pode ser diferente, nunca se sabe! — disse, frustrado.

— Filipe, desde que não acabes como um traficante ou como um arrumador de carros, o futuro será bom para ti. — Riu-se o André. Dei-lhe uma cotovelada.

— As pessoas são sempre um resultado do seu ambiente — explicou o Ricardo. — Vivemos na época em que as carcaças de porcos são colocadas em máquinas de triturar até sair um chouriço. Todos nós somos os chouriços para serem devorados por outros porcos. A vida conduziu-nos a este caminho. Já não há volta a dar, qual época em que os animais de laboratório apenas servem o seu propósito para serem exterminados no final das experiências científicas. Assim somos todos nós.

— Muito niilista, que se encontra o senhor — comentei. Ele não achou muita piada; estava claramente entranhado em algum dilema.

No entanto, achei o que ele dissera algo muito eloquente, mas não percebi o motivo de referir-se com tanto escárnio aos tempos modernos. Até que o André acabou por afirmar:

— Realmente, se parássemos e víssemos o que está à nossa volta, ficaríamos muito melhor e mais contentes. Eu não acredito que existam situações tão más. Nesse sentido sou mais estoico. Ninguém é a sua situação atual, Ricardo. Enquanto se está vivo, podemos mudar o nosso rumo. É por isso que *não* acredito que exista a depressão clínica.

Quando o assunto se tratava de medicina, o Ricardo intervinha com calor e êxtase.

— Não acreditas na depressão clínica? Como assim? — exclamou com ardor.

— Não passa de uma desculpa que as pessoas apresentam para o ódio que nutrem por si mesmas. Atualmente, há tantas formas de se rir e de se afastar do que é tóxico. Basta abrir uma página humorista na *internet* ou ver um vídeo viral que a situação melhora logo!

— Realmente, não sabes do que falas, André! És mesmo um ignorante, foda-se!

— Acho que existe sempre uma forma ou outra que as pessoas podem usar como escapismo. Enquanto for possível fugir da realidade, não existe depressão. A depressão vem ao encontro dos problemas do quotidiano. — Apesar de saber que o André apenas picava o Ricardo por estar ébrio, desejando vê-lo irritado e moralista, a minha linha de raciocínio ia ao encontro da dele.

— Uma pessoa não é somente feliz quando ela deseja. Enquanto homem da ciência, tenho de defender que não temos controlo sobre a química, as moléculas e os processos de regularização do cérebro. É algo

que depende de fatores genéticos, experiências vividas, circunstâncias e mecanismos orgânicos e da personalidade. Vem, inclusive, do nosso próprio temperamento.

O André interrompeu:

— Não acredito nisso. Um homem pode utilizar palavras para nutrir amor à sua pessoa e, assim, usar o intelecto como mecanismo de defesa. Este mecanismo de defesa chama-se racionalização, tanto quanto sei. Ao nutrirmos amor próprio, não há espaço para a toxicidade.

— A depressão clínica é uma *doença* — frisou o Ricardo. — André, se o mundo fosse curado pelo amor, então não haveria a fome, a peste ou a guerra. Quanto à depressão, é como ter febre. Acaso controlas a tua temperatura corporal quando estás com uma gripe? O que tu dizes é somente o resultado da mentalidade *hippie* da época em que vivemos. Somos bombardeados com mensagens que dizem que a felicidade é o caminho e que o amor leva à cura. Mas como obter essa felicidade ou esse amor quando o nosso cérebro não está quimicamente apto, quedando-se efêmero!? É preciso existir uma forma de escapismo, sim, mas também é necessária uma boa saúde mental, lidar com a realidade e estar apto para os desafios que ela apresenta. O sedentarismo e os estilos de vida modernos não ajudam nestes casos. — Fez uma pausa e ficou moribundo. — Já vi muitas pessoas suicidas que apenas rejeitavam a sua condição com medo do estigma, fugindo da verdade em vez de a enfrentarem... E dizes tu que acreditas que ninguém é o resultado do seu meio? Nem tu escapas à regra!

— Cala-te! Não sabes do que falas. — O André pareceu-me ofendido por qualquer motivo que desconhecia.

Perdi a noção da conversa. Ocorria tudo tão depressa... Observei a garrafa de vodka — já tinha bebido metade.

— Ó Ricardo, não é esse panorama que conduz à epidemia de antidepressivos? — perguntei eu, interessado. — Certo de que a depressão é uma das doenças mais incapacitantes desta nova época. Disso sei. Não haverá outra forma de combater essa praga? Acredito na ciência, mas o excesso de antidepressivos acaba por ser um engodo, uma quimera que alimenta a indústria farmacêutica.

— A medicação não é a solução mais eficaz, mas é evidente que ajuda — confirmou. — Nós só receitamos esses fármacos quando observamos que a pessoa não está a ter uma resposta positiva à psicoterapia. Uma boa terapia pode mudar a química do cérebro, há estudos sobre isso. O nosso cérebro é o nosso melhor amigo e o nosso pior inimigo.

— É por isso que digo que não existe a depressão clínica! — reforçou o André. A discussão começava a ficar calorosa. — Apenas falas em cérebro, mas é a mente que molda a própria pessoa.

— André, por favor, não sejas parvo. Estou farto dessa mentalidade *hippie*. Os factos não querem saber dos sentimentos: a depressão existe enquanto doença, e há especialistas em todo o mundo que tentam encontrar mecanismos mais eficientes para a combater.

— Vocês, na medicina, nada sabem! Querem ver as pessoas drogadas com antidepressivos e a babarem-se pela boca! Passam a ficar incrédulas e, quanto ao mundo da psiquiatria, «Vós que entraís, abandonai toda a esperança!»⁴

Toda essa conversa deixara-me com a pulga atrás da orelha. Acabei por encarar as coisas através de outro prisma, algo que eles não tinham visto. O *humor* seria a forma de fugir à realidade da vida, deixando um espaço entre o que desejávamos ser e o que éramos. Isto é, tratava-se de uma ilusão que acabava por preencher uma pessoa pela fantasia do que ela poderia vir a tornar-se. Sempre me considereei uma pessoa humorista, mas nunca pensei nas causas disso. O meu *humor* consistia nas tonalidades de cores que usava para pintar a cinza o mundo que me rodeava, uma paleta que me permitia preencher os espaços brancos do quadro e moldá-lo na forma que gostaria que ele se tornasse.

Mas sabia que a depressão não era curada com *humor*. Nenhuma doença mental o era. Esse pequeno diabo vermelho era uma forma de ignorar a dor de existir. Era uma anestesia, um analgésico. Um poderoso *painkiller*.

Não seria o humor uma arma que as pessoas arranjavam para se desprender dos problemas da vida? pensei. No entanto, nada comentei sobre isso.

O *humor* foi o resultado da evolução biológica e psicológica do homem. Tinha de servir para algo, pois a vida considerou-o essencial para nós, uma ferramenta a ser utilizada. Caso contrário, não existiria na nossa constituição comportamental, fruto de um processo evolutivo e psicológico.

Como a discussão estava a ficar muito séria, virei-me para o Ricardo e comentei:

— Já pensaste na quantidade de exames da próstata que vais fazer?

— Vamos mas é beber! — exclamou ele, corando.

Descemos a avenida. O frio que fazia era ideal para beber uns quantos

4 *A Divina Comédia*, Dante Alighieri.

shots e aquecermos a alma. As vielas tinham pouca gente e acabámos num descampado que se situava mesmo ao pé das docas. Parávamos de bar em bar, bebendo mais e ficando extremamente ébrios. Já agíamos como «bicicletas de rodas quadradas» — quebrando as garrafas que tínhamos emborcado. Entrávamos num determinado bar, comprávamos uns cinco ou seis *shots* e bebíamos-los de seguida. Também parámos numa garrafeira e comprámos, cada um, uma garrafa de *Moscatel*. Íamos bebendo pelo caminho das docas, onde se encontravam alguns adolescentes embriagados.

Ríamos-nos, aproveitando a vida, o licor do elixir da eterna juventude. De facto, o ambiente era como a recreação intrauterina, permanecendo em segurança, satisfeitos e saciados.

A lua brilhava sobre nós, e algumas estrelas eram visíveis: todos esses fenómenos de cores e de brilho refletiam-se na água do estuário. Era nesses momentos de prazer que nos deparávamos com o facto de que a vida podia ser magnífica e preenchida. Desconectávamo-nos da realidade para perseguir o mágico, o divino, o mundo da imaginação... Uma qualquer forma da manifestação da criança interna. E fazíamos-lo através do consumo de substâncias.

Experienciávamos a felicidade — certo?

Estávamos em consonância com o mundo do prazer, banhando nessas águas ancestrais que moldavam a divina criação humana, um mundo de rebeldia e puerilidade. Tornava-se o suficiente para nós.

Estaria eu a racionalizar? A justificar ações condenáveis para evitar a dor das suas consequências, das nossas ações? Estaríamos a operar uma realidade mais risonha para justificar outra, a do mundo rígido, feita de sofrimento e de agonia? No fundo, queríamos o paraíso nas nossas mãos — pois bem, que o procurássemos! Polinésias... voltei a pensar em ambientes tépidos.

Como era sabido, eu não dispunha de nenhum rumo e seguia sempre a direção do álcool como forma de distração. Mas, naquele momento, apercebi-me de que não era o álcool o «Norte da minha bússola», o meu guia. Tratava-se antes do prazer. Se havia uma forma eficaz — ou pelo menos pensava eu — de evitar a dor e os males do mundo, seria através de atividades que aumentassem as endorfinas corporais, anestesiando o corpo da dor. Do vazio que era viver. Porém, todo o prazer acabava por se dissolver, findava-se. Quando isso acontecia, levava à ressaca, à fome, à doença e à insatisfação.

Quanto mais se comia com os olhos, com a boca, com os sentidos,

com a mente, mais fome acabávamos por ter, porque nos habituávamos à vida. Depois, lembrei-me de ter ficado um tanto taciturno e refletivo, considerando que aquela vida era uma grande droga que nos prendia à nossa condição de seres humanos. Um cosmos mecânico e industriado, inorgânico.

Tínhamos de deixar a criança para trás, tornar-nos críticos perante as nossas condições. Tornava-se, assim, imperativo termos noção do que se passava à nossa volta: ver padrões, descobrir, inventar, sermos o nosso próprio comediante e, com isso, acabarmos por ver o mundo das cores por debaixo dos holofotes. Pronto, a minha racionalização terminava com tamanha onda depressiva.

A vida conduzia cada pessoa à sua própria gula; cabia ao indivíduo descobrir o que, eventualmente, acabava por preenchê-lo enquanto ser humano. Todos nós carregávamos um vazio no âmago do nosso ser. Sempre considerei que a gula seria a forma de satisfazer esse vazio, essa fome, e todos nós éramos vítimas mortais abençoadas com a dádiva e a maldição de pensar.

Algo preenchia sempre o nosso vazio — fossem as relações interpessoais, a comida, o álcool, o sexo, os narcóticos, a música e os filmes, os videojogos, por aí fora. Quais vias de escape serviam para libertarem o Homem dos pensamentos negativos, da «toxicidade», como o André referiu, e abasteciam-no com o que o prazer que o momento oferecia ou com a idealização de cenários positivos. Por outras palavras, mascaravam a dor, o vazio, a raiva e conferiam, até certa medida, um significado à vida. Tornavam-se no rumo da vida.

Aliás, sem querer ser hipócrita, essas vias de escape eram o rumo da minha vida.

Claro que isto era apenas a minha perspetiva enquanto glutão.



Quando a noite já ia mais avançada, juntámo-nos a mais dois conhecidos. Eles chegaram quando já estávamos numa fase crítica da embriaguez — o estupor. No dia seguinte, não nos recordaríamos de nada. Ríamos, gozávamos uns com os outros; um começou a vomitar; outro já desmaiava; e um fulano qualquer expressou agressividade.

A dada altura, o André irritou-se com um certo tipo. Foi tudo uma grande confusão, instalada num curto espaço de tempo.

No meio do caos, resolvi interferir e disse em voz alta para todos:

— Meus grandes idiotas, acalmem-se. Nós estamos... estamos... — soluçava, mas continuei: — embriagados. Bêbados que nem umas bestas! Amanhã não nos iremos lembrar de nada! Vamos querer vomitar a porcaria do nosso estômago todo e desejar pela morte rápida!

— Cala-te, ó parvalhão! Eu lembro-me. Este aqui estava a gozar comigo e a chamar-me nomes — alegou um conhecido, enquanto apontava para o André. — Se ele quer guerra, terá a guerra! Até dança, até dança!

O André queria bater-lhe, mas o Ricardo interveio a tempo. No meio de tanta barafunda, vi um carro mal-estacionado e que tinha um aspeto vandalizado. Uma ideia atravessou-me a mente, enevoadas e flutuantes. Perdia-me sob o efeito de Baco e nas inúmeras possibilidades que ele podia trazer: tudo parecia fazível, inexistindo a moralidade.

— Vamos fazer o seguinte! Em vez de lutarmos uns com os outros, meus *grandas* canalhas, vamos até àquele carro!

— Para quê? Estás doido?

— Assaltamo-lo e deitamo-lo ao rio. É só puxar os travões e meter a mudança certa. Está numa colina, se descer com velocidade, cai-nos o *jackpot*!

Fez-se silêncio.

Como estávamos tão perdidos sob a influência do etanol, um certo fulano concordou com o outro, e depois um terceiro deu a entender que alinhava no plano. Com o tempo, agarraram em mim e expuseram-me no ar, como se eu fosse um novo Messias.

Fomos, então, ao encontro do carro. Para ser sincero, tinha um ar fantasmagórico, encoberto em pó e lama. Um começou a partir os vidros, e o alarme passou a ecoar pelas redondezas. Entrei, meti as mudanças corretas, e os outros puxaram o travão. Os meus ideais marginais reinaram — o carro encaminhou-se em direção ao rio e mergulhou sob as suas águas.

Foi o meu primeiro ato criminoso. Teria de sofrer com as consequências mais tarde.

O que se passou fez-me sentir (e de notar que *não* gostava de metáforas) como a personagem Pierre, da novela de Tolstoy. A certo ponto, no romance *Guerra e Paz*, um dos heróis, Pierre, amarrou um urso às costas de um guarda, na companhia dos seus camaradas. Tudo isto numa noite de bebedeira. Se estava correto, chegaram a atirá-los ao rio — o guarda e o urso.

A realidade acabava por imitar a arte!

Depois, claro, ouviram-se as sirenes dos carros de patrulha da polícia. A *bófia* tinha acabado de chegar...

